

O PAPEL DO EDUCADOR NA CIBERCULTURA: A FORMAÇÃO CONTINUADA NA ERA DIGITAL

CARLOS ALBERTO SARAIVA MONTEIRO

Graduado em Pedagogia mestre em Sociologia pela Universidade Fedederal do Amazonas - UFAM, casmsolrac@outlook.com;

RAILETE BERNARDO DA SILVA MARQUES

Graduado em Pedagogia e especialista em Letramento Digital pela Universidade do Estado do Amazonas - UEA, railethmarques@gmail.com;

RESUMO

Vivemos na era do conhecimento digital, onde há um turbilhão de informações e comunicação, e o professor precisa estar em constante formação para acompanhar a evolução das tecnologias da informação. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e de campo, este estudo tem como objetivo principal, investigar qual o papel do educador frente às novas tecnologias educacionais e sua inserção na cibercultura. Um dos resultados que podemos considerar é que a formação continuada, quando ocorre, é um fator que influencia positivamente na aplicabilidade das aulas. O envolvimento do professor com os recursos tecnológicos estimula os alunos no processo de ensino e aprendizagem, no cenário atual, mais professores veem as tecnologias educacionais de forma positiva.

Palavras-chave: Cibercultura, Educação, Professor, ciberespaço.

INTRODUÇÃO

No presente trabalho, iremos abordar o papel do educador no universo da cibercultura e os desafios que perpassam a aprendizagem e interatividade. Partindo da ideia que a tecnologia permeia esse universo de ensino aprendizagem, faz-se necessário que o educador transforme sua prática pedagógica para alcançar a juventude pós-moderna, chamados “nativos digitais”.

Vivemos na era do conhecimento digital em que a comunicação e a difusão rápida da informação, exige mudanças no perfil do professor. Esse profissional necessita estar informado para acompanhar as mudanças na era digital.

Diante dos fatos, percebemos a necessidade de formação de professores críticos e que explorem as tecnologias por uma perspectiva de educação que possibilite a autonomia e a reflexão dos atores participantes da esfera educacional. O homem com sua inteligência desenvolveu tecnologias que transformaram o comportamento humano, criando uma nova cultura e um novo modelo de sociedade.

As tecnologias desde os primórdios, cada qual na sua época, desenvolveu e estimulou diferentes formas de pensar e a última forma, sendo caracterizada pelo uso dos instrumentos informáticos, o que vem nos possibilitando novas aprendizagens, dentre elas a aprendizagem interativa, caracterizada como uma nova cultura, a cibercultura.

Podemos observar que as novas tecnologias mudaram a cultura e a sociedade. A evolução tecnológica potencializou a troca de informação, acarretando mudanças também na educação e nos métodos de ensino. Nossas vidas são influenciadas por essa evolução e é de suma importância um estudo sobre o papel do educador inserido nesse modelo de ensino aprendizagem, visto que, a verdadeira interação entre cibercultura e a educação só vai acontecer quando houver essa inserção e utilização dos recursos tecnológicos na formação de nossos alunos. Logo este estudo visa responder a seguinte problemática, qual o papel do educador no espaço da cibercultura?

Para esta problemática, a hipótese a seguir é que a formação é indispensável, entendo o professor como mediador do conhecimento e, a escola, o espaço de difusão do saber, da cibercultura e inclusão digital.

Para isto, esta pesquisa tem como objetivo principal, investigar qual o papel do educador frente às novas tecnologias educacionais e sua inserção na cibercultura. Com isto foram elaborados três objetivos específicos: a

analisar a formação inicial e continuada do professor; compreender na visão dos mesmos a utilização das tecnologias em suas práticas pedagógicas. E por fim, identificar se os métodos empregados pelos professores no processo de ensino/aprendizagem potencializam propostas educativas em contextos ubíquos e auxiliam a capacidade intelectual autônoma dos alunos.

1.0 O Professor e as Novas Tecnologias Educacionais

Partindo da ideia que a escola deve investir mais na formação contínua de professores, é prioritário para a melhoria da qualidade do ensino que o corpo docente se especialize e esteja apto e familiarizado com novas tecnologias afim de compreender as transformações que estão ocorrendo no mundo e acompanhem esse processo. É importante que o professor desmistifique para si mesmo a visão que o homem é inimigo da máquina e não venha apenas a dominar, mas ser agente transformado e utilitário dessas ferramentas importantíssimas para a educação.

Em concordância, Freire *apud*. Plácido *et. al.* (2007) A “ignorância” do aluno pode ser superada, mas o educador não seria capaz de ajuda-lo se não reconhecer suas próprias limitações.

Isto mostra que o professor deve estar sempre em formação contínua como mediador de conhecimento, aperfeiçoando a sua prática docente. No entanto, não quero dizer que o educador deva necessariamente saber tudo o que acontece no mundo, mas a predisposição de atuar no dinamismo de informação e transformação do mundo. Sendo assim, o educador deve buscar compreender mesmo que superficialmente sobre a evolução dos equipamentos por meio da velocidade no processamento de dados, do aumento na capacidade de memória e a sofisticação dos programas de simulação e animação, ou seja, inteirar-se no universo da cibercultura.

Cabe a educação formar esse profissional e para isso, esta não se sustenta apenas na instrução que o professor passa ao aluno, mas na construção do conhecimento pelo aluno e no desenvolvimento de novas competências, como: capacidade de inovar, criar o novo a partir do conhecido, adaptabilidade ao novo, criatividade, autonomia, comunicação. É função da escola, hoje, preparar os alunos para pensar, resolver problemas e responder rapidamente às mudanças contínuas. (MERCADO, 2002, p.11).

Toda e qualquer ciência deve empregar métodos observando sua importância e eficácia no processo dentro do seu contexto. No entanto,

vivemos um novo mundo do auge e da nostalgia, do gosto, das curtidas, das viralizações e cancelamento, coisas que, em pouco tempo some sem deixar vestígio algum.

Para compreender essa velocidade de informações resta saber o que é Cibercultura. Para Ramal (2002), caracteriza-se como um conjunto de técnicas, tanto materiais como intelectuais e simbólicas, de práticas, de atitudes, de modos de pensar e de valores que se desenvolvem dentro de uma estrutura virtual a partir de uma comunicação interativa.

Ela é caracterizada como um espaço mais flexível para interações no espaço eletrônico e não podemos deixar de utilizar essa forma de comunicação visto que ela possibilita a ampliação e melhoramento dos conhecimentos do sujeito. A perspectiva da digitalização geral das informações provavelmente tornará o ciberespaço o principal canal de comunicação e suporte de memória da humanidade a partir do início do próximo século. (LÉVY, 2009).

Os processos educacionais utilizados nas escolas não respondem mais as condições de aprendizagem da sociedade, caracterizadas pela necessidade de rapidez e independência na busca de informações e construção do conhecimento oriundas das transformações socioculturais e tecnológicas a que está submetido o ser humano contemporâneo.

O professor deve firmar objetivos claros ao utilizar novas tecnologias. Estar sempre atualizado é tornar relevante o processo de ensino-aprendizagem em todas as áreas, incluindo a Tecnologia da Informação.

Segunda Almeida, (2000, p. 109) afirma que,

(...) mesmo o professor preparado para utilizar o computador para a construção do conhecimento é obrigado a questionar constantemente, pois com frequência se vê diante de um equipamento cujos recursos não consegue dominar em sua totalidade. Além disso, precisa compreender e investigar os temas ou questões que surgem no contexto e que se transformam em desafios para sua prática – uma vez que nem sempre são de seu domínio, tanto no que diz respeito ao conteúdo quanto à estrutura.

Nisso confirmamos a necessidade de o professor estar em constante formação, pela rapidez das mudanças, conforme Lévy (2009), a cibercultura toma como base o advento das chamadas tecnologias digitais que influenciam e instauram mudanças no mundo do trabalho, na relação entre as pessoas e na forma como essas realizam as mais diversas atividades.

Discorrer sobre a cibercultura implica considerar o papel preponderante do desenvolvimento científico e tecnológico na dinâmica social e seus reflexos na sociedade.

Neste sentido, Lévy (2009) pontua a relação da organização do sistema educacional e o papel do professor. Ambos devem levar em conta o crescimento do ciberespaço e o avanço da cibercultura. O professor deve deixar o papel historicamente construído de centralizador do conhecimento para se tornar um incentivador da inteligência coletiva.

No entanto, ainda que a cibercultura não seja o único trajeto a percorrer em se tratando de conhecimento, percebemos que o caminho que as tecnologias digitais nos sugerem é sem volta, e portanto, precisa ser trilhado sem medo, seu uso consciente e crítico pelo educador trará benefícios para a educação.

Para Silva (2020), as políticas sociais estão passando por uma transformação no que se refere as relações de trabalho, tudo por conta das novas tecnologias, fazendo-se presente em toda parte, seja otimizando alguns trabalhos que levariam dias, ou até mesmo facilitando a comunicação entre parceiros de trabalho.

1.1 Aplicação das Metodologias nas Tecnologias de Informação e Comunicação – TIC's na educação

As Tecnologias de Informação e Comunicação conhecidas abreviada por TICs pode ser definido como todos os recursos disponíveis ao ser humano para o seu acesso à informação.

As TICs otimiza, registra e organiza essas informações. Computadores, aparelhos celulares, projetores, tablets e televisão fazem parte das TICs. Sendo assim, as tecnologias fazem parte do cotidiano de muitas pessoas e, o seu uso, exige o mínimo de domínio técnico e acessibilidade.

A escola é uma instituição específica nas sociedades complexas de se fazer cultura, voltada com a finalidade de alfabetizar e letrar as futuras gerações. No entanto, a escola nos dias atuais não pode se limitar ao ensino da leitura e escrita tradicional, ou seja, estamos falando em alfabetismo e letramento digital, indispensável na formação dos indivíduos.

As tecnologias da informação e comunicação representam papel no cenário da educação como ferramenta para auxiliar no processo de ensino e aprendizagem. Com as rápidas mudanças na sociedade, as formas de ensinar também sofrem

mudanças, tanto os professores como os alunos percebem que muitas aulas tradicionais já estão ultrapassadas. É necessário se perguntar: Como dar aulas com o uso das tecnologias? Como se adaptar com elas? Como ensinar e aprender em uma sociedade interconectada? (TARACHUK, 2015, p.10).

Deina e Silva (2014), fala sobre a aplicabilidade das metodologias que envolvem as tecnologias, os mesmos afirmam que é indispensável a intervenção da equipe pedagógica do estabelecimento de ensino, aponta a mediação pedagógica do professor, o trabalho com o laboratório de informática, o uso da TV multimídia e dicas de como utilizar as TIC's.

Para Bettega (2004), para os programas informatizados resultar em algo positivo, a preparação dos professores é indispensável, não somente com eles, mas com toda a equipe educacional existente na escola.

Para que as TICs possam trazer alterações no processo educativo, elas precisam ser compreendidas e incorporadas pedagogicamente. Isso significa que é preciso respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença. Não basta usar a televisão ou o computador, é preciso saber usar de forma pedagogicamente correta a tecnologia escolhida (KENSKI, 2010, p.46).

É importante ressaltar que, ao poder público, cabe o dever de proporcionar aos educadores formações iniciais e continuadas, para o manuseio e entendimento de como a tecnologia tornou-se uma ferramenta pedagógica indispensável no ensino escolar.

O uso das tecnologias na educação nos leva a refletir sobre as inúmeras possibilidades, no desenvolvimento de múltiplas linguagens, possibilitando novas formas de aprender e, contribui significativamente na construção da identidade dos alunos.

O ser humano desde o seu nascimento é instigado a conhecer aquilo que está ao seu redor e, o professor, pode potencializar certas experiências do educando de fora da escola para dentro da sala de aula. Para as novas gerações que nasceram no contexto da sociedade informacional, o que leva as crianças de hoje a gostarem tanto de estar no celular? Na simplicidade da resposta poderíamos dizer que é a curiosidade. A curiosidade que as crianças têm pelas cores, luzes, jogos, toque que antes era algo que estava somente ao seu redor, nos dias atuais pode ser encontrada em uma “pequena caixa”

manuseado com apenas um clique, isto é, novas experiências são novos saberes.

Qualquer reflexão sobre o futuro dos sistemas de educação e de formação na cibercultura deve ser fundada em uma análise prévia da mutação contemporânea da relação com o saber. Em relação a isso, a primeira constatação diz respeito à velocidade de surgimento e de renovação dos saberes e savoir-faire ((LÉVY, 1999, p. 157).

Portanto, os comportamentos das novas gerações com as TICs envolvem um manuseio curioso, mas também inteligente das tecnologias, nesse sentido, a educação formal é importante, não apenas para aprender a utilizar as TICs, mas utilizar as tecnologias com o sentido pedagógico.

A mediação docente ganha centralidade no processo, pois a criticidade e autonomia não estão dadas, trazendo com isso novas demandas para a educação, em todas as modalidades e segmentos. A ação docente precisa incluir a *literacia* digital, incorporando em seu fazer profissional, o entendimento (MELO; SILVA, 2018, p.6).

A educação *online* tem se tornado um fenômeno bastante expressivo no mundo global advindo, uma tendência hoje como Aprendizagem Ubíqua.

A aprendizagem Ubíqua pode ser entendida como o tipo de aprendizagem que ocorre a qualquer hora e a qualquer lugar, rompendo com os espaços físicos e o tempo, esse tipo de aprendizagem é de caráter mais autoformativo.

Dada a importância desta temática encontra-se recomendações e sugestões emanadas de organizações não apenas nacionais, como o MEC, o Comitê Gestor da Internet no Brasil, como também de organizações internacionais, tal como a UNESCO que elaborou um conjunto de propostas para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação no ensino e aprendizagem (TARACHUK, 2015, p.17).

Inicialmente os críticos da educação *online* tratam da questão da qualidade de ensino, contudo, essas críticas não tem tanta força frente ao leque de opções: graduação, mestrado e até recentemente, o MEC aprovou doutorado a distância¹.

1 Ver: CAPES regulamenta polos para mestrado e doutorado EaD, disponível em: <https://www.gov.br/pt-br>

Assim sendo, a educação *online* não irar acabar com o caráter humano, o professor é indispensável nessa modalidade de ensino, que viabiliza o acesso a educação para muitas pessoas que não possui disponibilidade de hora para estudar.

2.0 O que é cibercultura: do fenômeno mundial a inclusão digital

A cibercultura é um fenômeno global e contemporâneo que ganhou uma forma expressiva. Por cibercultura, entende-se como a cultura que envolve, saber, domínio da técnica e expressões sobre os recursos tecnológicos, digitais e da comunicação.

Não nos cabe aqui discutir o seu conceito ou reduzi-lo a uma ideia simplificada. Mas tratar da cibercultura e sua proximidade que vem tendo com a educação.

Ao se pensar sobre o impacto dos principais fenômenos da cibercultura na educação, faz-se urgente superar polarizações superficiais quanto ao potencial das TDIC. Apropriar-se com criticidade dessa discussão, entendendo a complexidade paradoxal que emerge como potência na cibercultura, evita o deslumbramento ingênuo (MELO; SILVA, 2018, p.2).

Conforme expresso pelo o autor, é preciso ter um olhar crítico sobre as TICs na educação, isto é, reconhecer a importância da formação de professores, mas evitar um certo deslumbramento ingênuo. Políticas educacionais, na lógica capitalista, tendem a reduzir o uso competente das tecnologias numa abordagem meramente instrumental. Faz-se necessário, a reflexão e discussão coletiva no ambiente escolar sobre a implementação desses recursos tecnológicos; políticas públicas no investimento e manutenção dos recursos tecnológicos na escola planejadas a longo prazo; a formação continuada e, entende-se por essa formação que ela seja crítica para os professores; por último, avisar aos envolvidos no processo educativo sobre os riscos do ciberespaços.

Com a cibercultura e mundo do ciberespaço, as TICs tornaram-se serviços essenciais e bens de consumo. E quando algo é um bem de consumo, há aqueles que possuem as condições econômicas e outros não. O que nos leva a pensar num tipo de exclusão que antes pertencia ao plano material das coisas. Como alguém faria a inscrição de um curso ou um cadastro de

emprego sem ter a sua disposição um aparelho com conexão de internet? “Estima-se frequentemente que o desenvolvimento da cibercultura poderia ser um fator suplementar de desigualdade e de exclusão, tanto entre as classes de uma sociedade como entre nações de países ricos e pobres. Esse risco é real” (LÉVY, 1999, p. 235 - 236).

Numa percepção crítica sobre a cibercultura e a sua relação com a exclusão digital, reconhecemos como elemento dessa exclusão as condições e a qualidade da Internet, a disponibilidade de acesso e se o indivíduo possui dispositivo próprio como um celular ou tablet para o seu uso individual. As TICs devem ser entendidas como condição do exercício da cidadania das pessoas, por isso, deve ser entendida como medidas de políticas públicas.

O ciberespaço é um dos principais canais de acesso à informação na atualidade, além de incluir diversas mídias que potencializam a autoria e de veicular interfaces que promovem a interação entre os sujeitos [...] com destaque para o objetivo a ser perseguido pelas políticas públicas voltadas à inclusão digital, compreendendo-a como a articulação entre ubiquidade e literacia digital (MELO; SILVA, 2018, p.4).

O ciberespaço é o espaço de maior procura e difusão de informação, diferente da televisão e rádio, é no ciberespaço que ocorre a manifestação de pensamento, os diálogos instantâneos com pessoas de outros lugares do planeta, tutoriais, aulas online, curiosidades, filmes gratuitos, ou seja, o que ocorre é uma verdadeira produção coletiva do conhecimento humano.

Os dados apurados pela Pesquisa Brasileira de Mídia 2016 confirmam a importância do uso da internet como recurso para obter informação. Quase a metade dos entrevistados (49%) mencionou em primeiro ou em segundo lugar a rede mundial de computadores como meio para “se informar mais sobre o que acontece no Brasil” (BRASIL, 2016, p.47).

O acesso à informação pela internet ocorre em grande maioria, pelos aparelhos de smartphones, caracterizando um perfil de usuário que envolve desde as condições socioeconômicas quanto questões culturais. Isso devido a praticidade do dia-a-dia, por outro lado, reconhece-se para muitas pessoas limitações econômicas para ter outros dispositivos móveis como um notebook que, via de regra, é melhor para os alunos realizarem suas atividades escolares.

No aspecto de políticas públicas, há certos aspectos importantes para considerar: a infraestrutura, manutenção e políticas públicas. O acesso ao ciberespaço requer gastos consideráveis em computadores e outros suportes tecnológicos. Ainda que seja algo singular de governo para o governo. Existem nações desinteressadas em trazer formas de comunicação e informação a parcela mais pobre da classe social. Por outro lado, é importante reconhecer o obstáculo individual humano daqueles que, sentem-se incapazes de utilizar com destreza os recursos tecnológicos. No entanto, observando a tendência da acessibilidade a internet

Em 1996, havia 1500 pessoas conectadas à Internet no Vietnã. Isso parece muito pouco em relação à população desse país. Mas decerto esse número será dez vezes maior no ano 2000. Em geral, a taxa de crescimento das conexões com o ciberespaço demonstra uma velocidade de apropriação social superior à de todos os sistemas anteriores de comunicação (LEVY, 1999, p.236).

Observarmos que essa expansão da cibercultura no mundo até mesmos em nações mais resistentes, os investimentos na infraestrutura denotam a necessidade da modernização como potencializadora da economia.

As fotos e vídeos publicados nas redes sociais envolve sentimentos e emoções entre os seres humanos. O sentido do registro fotográfico passou por uma ruptura nos dias atuais com o passado, não indo muito longe em termos cronológicos, há 30 anos a fotografia tinha um sentido de registrar momentos que fossem muitos especiais, até mesmo porque não se carregava constantemente uma máquina fotográfica para qualquer lugar que fosse. Motivado pela necessidade das *selfs*, postagens e curtidas, a foto tornou-se algo corriqueiro e até mesmo sem sentido. Tirar inúmeras fotos e escolher a “melhor” pois o que importa é postar e não lembrar, o que é para ser uma lembrança torna-se algo coisificado.

A questão do narcisismo é que ele reforça ações individualistas e superficiais, ou seja, não é muito difícil ver a intolerância presente nas redes sociais, ou seja, pessoas que não estão abertas ao diálogo e a pluralidade de ideias.

Outro problema que a acompanha a cibercultura é o compartilhamento de *fake News*, isto é, dispara-se as notícias sem verificar a procedência e veracidade das informações. Por outro lado, a crença nas *fake news* não é exclusivamente atribuída a ingenuidade e desinteresse. Para alguns é uma questão moral dos sujeitos, há aquelas que legitimam a desinformação pelo

desejo de acreditar no que quer pra si e não nos fatos. Um exemplo irrisório para não dizer grave são os terraplanistas que, refletem a ignorância, a falta de bom senso de pessoas alienadas em suas próprias crenças.

qual o ano de publicação da notícia, a veracidade do fato ou mesmo qual a intencionalidade do canal que produziu tal informação. O sujeito compartilha na sua rede a notícia falsa, que pode viralizar dependendo do apelo emocional, inclusive com a possibilidade de culminar em situações trágicas⁵, como já amplamente noticiadas (MELO; SILVA, 2018, p.8).

O narcisismo e as *fake news* nas redes sociais são problemas emergentes da cibercultura e desafios para educação, numa pedagogia crítica que buscar formar um aluno crítico e reflexivo, cabe ao professor tratar desse universo muitas vezes presente no cotidiano dos alunos. Para isso, é preciso reconhecer que a formação dos educadores aborde esses temas e que devem constar nas formações continuadas.

2.1 Cibercultura: Questões da privacidade, individualidade e coletividade

O ciberespaço tem um caráter dual, especificamente falando das redes sociais que pode tanto alienar os indivíduos quanto mobilizá-los a mudança. Os sujeitos sentem-se motivados a opinar sobre tudo, a questão que não há diálogo quando a opinião se torna preconceito, desrespeito e intolerância.

A liberação da palavra ao polo emissor com a Web 2.0 garantiu maior interação e participação dos sujeitos, e, junto à mobilidade ubíqua, vem potencializando a cultura da participação, principalmente nas redes sociais. Os sujeitos participantes das redes são instigados a produzirem atualizações constantes, como uma forma de participação e pertencimento à rede (MELO; SILVA, 2018, p.6).

Utilizado como forma de descrever a tendência de informações e colaborações dos internautas, a Web 2.0 reflete a interação e participação dos usuários, na construção de um conhecimento coletivo no ciberespaço. Para a construção desse tipo de conhecimento, a disponibilidade da informação na rede é fundamental para que todos possam acessar e compartilhar essas informações. Todavia, um movimento inverso também ocorre, a autopromoção dos indivíduos por meio das redes sociais. Pessoas sentem-se tentadas

a compartilhar a sua vida diária em busca de fama, visualização e “curtida”. Esse comportamento de pessoas é observado em todas as idades, desde crianças até 3º idade. A autopromoção nas redes sociais aparentemente inocente, reforça o individualismo que, levado ao extremo criam pequenas bolhas em vez de um espaço de respeito, cooperação e pluralidade de ideias tornando-se nocivo aos usuários.

Também é importante refletir outros aspectos fora das redes sociais que envolve o trabalho, a subjetividade, a saúde e a exploração dos indivíduos.

[...] surgir na órbita das redes digitais interativas diversos tipos de formas novas:

- de isolamento e de sobrecarga cognitiva (estresse pela comunicação e pelo trabalho diante da tela)
- de dependência (vício na navegação ou em jogos em mundos virtuais)
- de dominação (reforço dos centros de decisão e de controle, domínio quase monopolista de algumas potências econômicas sobre funções importantes da rede etc.)
- da exploração (em alguns casos de teletrabalho vigiado ou de deslocalização de atividades no terceiro mundo)
- e mesmo de bobagem coletiva (rumores, conformismo em rede ou em comunidades virtuais, acúmulo de dados sem qualquer informação, “televisão interativa”). (LÉVY, 1999, p.29 - 30).

A privacidade passa a ser um processo de desconstrução, para usufruir de algum serviço em rede, faz-se necessário inserir dados pessoais para a realização de cadastro. Em diversas redes sociais, os indivíduos acabam criando um culto sobre si mesmos, uma necessidade excêntrica de narcisismo, para estas pessoas que postam tudo que fazem nas redes sociais, a vida particular da vida pública e/ou social é uma linha separada por uma linha tênue. diferenciar a vida privada da sua vida social. Até mesmo um comentário que “viralizou” de alguém, pode torna-se impactante para pessoas no país e até no mundo todo. O desconhecido passa a ser reconhecido. No entanto, o comentário pode ser visto como negativo acarretando até mesmo em um tipo de “lixamento virtual”.

Os sujeitos que participam das redes sociais, em especial do *Instagram* e *Facebook*, envolvem-se ativa ou passivamente nessa tirania da visibilidade, no culto à imagem, na conquista de seguidores e na busca por *likes*. Segundo o autor, vivemos uma época que “valoriza a exibição de si, e as intimidades reais

e/ou inventadas invadem e dominam as redes sociais” (COUTO apud MELO; SILVA, 2018, p. 51).

Portanto, a cibercultura implica em questões paradoxais, por um lado, a solidariedade coletiva, a produção e difusão coletiva do conhecimento, por outro, a exacerbação do narcisismo promovido pelas redes sociais. Isso nos leva a refletir na importância da educação no papel da cibercultura.

METODOLOGIA

Esta pesquisa propõe compreender e analisar o processo de ensino-aprendizagem em uma escola pública da zona norte de Manaus, em uma turma do 5º ano do ensino fundamental, a partir da perspectiva das TIC's e da cibercultura.

A escolha da turma de 5º ano não foi aleatória, além de fazer parte da regência da classe, no 5º ano observou que esses alunos estão bem familiarizados com os recursos tecnológicos por meio de celulares e aplicativos.

Estes fatos foram identificados nas observações da sala de aula em dias alternados para identificar as tecnologias utilizadas pela professora e, conseqüentemente, a aprendizagem dos alunos.

Em se tratando do método, esta pesquisa foi desenvolvida com bases gerais no materialismo dialético. Ainda que, por meio deste método, a coleta de dados se deu em uma única escola, procuramos entender o fenômeno educativo na sua totalidade, tendo como princípio a cibercultura e a formação dos professores como elementos constitutivos de muitas escolas, o que nos conduz para uma melhor compreensão da realidade estudada (GADOTTI, 2006).

A abordagem de pesquisa utilizada foi a qualitativa, envolvendo uma pesquisa bibliográfica e de campo, com intuito de compreender a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto. Estas relações foram importantes, no que tange ao objeto pesquisado para a sua compreensão. Minayo (2001, p. 21) evidencia isso quando afirma:

a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das

relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos a operacionalização de variáveis.

As observações e registro das falas para análise de dados foram do professor a aluno dentro da instituição escolar pesquisada. Nessa etapa da pesquisa foi definido o universo de abrangência e a amostra a ser estudada.

O universo desta pesquisa compreendeu dois professores, e cerca de 50 alunos do 5.º ano do ciclo básico do ensino fundamental distribuídos em duas turmas (25 alunos em cada sala). A amostra foi de seis alunos e uma professora de uma turma do 5º ano, o que corresponde a 12% e 50%, respectivamente, do universo pesquisado.

Utilizou-se a técnica da entrevista semiestruturada (com a professora, sobre sua formação) para a coleta de dados, a qual é conhecida e utilizada na pesquisa educacional. Vale ressaltar que, houve uma intervenção no processo de ensino-aprendizagem na sala de aula, por meio do plano de ação com jogos matemáticos on-line e, o principal objetivo desse plano, foi a inserção das TIC's no ambiente escolar.

Por fim, o uso desses instrumentos de coleta de dados, tiveram a finalidade buscar informações para uma maior compreensão do objeto pesquisado. Segundo Gatti (2002), em educação, a pesquisa é um processo que estar sempre em movimento, que exige um fazer intelectual que envolve pessoas em um contexto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados aqui apresentados foram analisados à luz de teorias e obtivemos alguns resultados desta pesquisa. Um dos resultados que podemos considerar é que a formação inicial e continuada dos professores, quando existe, é um fator que influencia positivamente na aplicabilidade das aulas que envolvem tecnologias e como consequência disto, estimula os alunos neste momento de ensino/aprendizagem. No entanto avaliar a qualidade destas formações, se elas estão de acordo com a realidade de cada professor, também são aspectos relevantes para considerar.

O uso da informática no ensino e aprendizagem, na conjuntura de sala de aula, configura-se uma ferramenta midiática relativamente nova e cujo uso cresce lentamente, por falta de recursos e mesmo de capacitação dos professores. Através dela, os alunos podem aprender com maior facilidade os conteúdos específicos de várias disciplinas (TARACHUK, 2015, p.14).

Em um estudo com alguns professores da rede pública de ensino do Sul do Brasil, foi constatado que a maior dificuldade em utilizar as tecnologias em sala de aula é de fato a falta de conhecimento. (DANTAS, 2014). Os dados abaixo não refletem fielmente a nossa realidade local, no entanto, é preciso ter esse panorama da importância da formação dos professores, que se apresenta de forma desigual dependendo da regionalidade.

Possui curso para trabalhar com as TIC em sala de aula



Fonte: Dantas, 2014.

Outro resultado que obtivemos é que de acordo com os pesquisadores apontados no referencial teórico deste estudo, os professores que são mais resistentes são aqueles que não obtiveram o conhecimento sobre a tecnologia, apontando assim mais uma vez a relevância da formação para estes deixando em aberto, que há outros fatores que motivam a resistência do educador frente as utilização das tecnologias.

Traçando um paralelo com a educação em Manaus, os educadores que estão mais familiarizados com as tecnologias não são tão resistentes e reconhecem a importância das tecnologias da educação. Contudo, percebe-se que para o manuseio desses recursos, todos sinalizaram a importância da formação continuada como forma de dar ao educador, a capacitação e segurança necessário para a utilização das TIC's.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste estudo abordamos sobre a cibercultura, a formação do professor e a conexão que isso traz no processo de ensino e aprendizagem.

As tecnologias trazem mudanças rápidas e complexas nos indivíduos que, no contexto educacional, não é simples para o professor acompanhar essas mudanças na “Era Digital”.

A formação continuada dos professores torna-se indispensável para a práxis do professor, pois a cibercultura caracteriza-se por universo real de significados e símbolos, uma nova linguagem que permeia a cultura da sociedade moderna, e, portanto, adentra o espaço escolar.

Enfim, não deixamos de reconhecer aqui os desafios que a cultura cibernética traz ao trabalho docente. Que exige um perfil de professor “conectado” com o mundo, para isso, a formação continuada é imprescindível, mas não o suficiente. É preciso reconhecer que a escola necessita de recursos, infraestrutura e, também, a ser pensada como ambiente de transformação social e difusor do saber cibernético.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth de; **PROINFO: INFORMÁTICA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES** – Vol. 1; Brasília: MEC/ Secretaria de Educação à Distância –, 2000.

BETTEGA, Maria Helena Silva. **A educação continuada na era digital**. São Paulo: Cortez, 2004.

DANTAS, Glória. **Fatores que levam à resistência dos professores ao uso das TIC em sala de aula**. 2014. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/9232/1/2014_GloriaDeFatimaVieiraDantas.pdf. acessado em 14 de jan 2020.

DEINA, Wanderley; SILVA, Alexandre. **A Metodologia de ensino aprendizagem no uso dos recursos tecnológicos no CEEBJA Prof. Domingos Cavalli**. IN Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor. Cardenos PDE, 2014. Disponível em: http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/cadernospde/pdebusca/producoes_pde/2014/2014_utfpr_ped_artigo_alexandre_martins_silva.pdf

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 15ª ed. São Paulo: Cortez, 2006.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Plano Editora, 2002.

KENSKI, Vani Moreira. **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 34.ed. São Paulo: Coleção TRANS, 1999.

MELO, Keite Silva de; SILVA, Andréa Villela Mafra da Silva. **Desafios e possibilidades da cibercultura para a educação**. SEDA - Revista de Letras da Rural/RJ. Seropédica/RJ, v. 3, 2018. Disponível em: <https://www.researchgate.net/>

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo (Org). **Novas tecnologias na educação: reflexões sobre a prática**. Maceió: EDUFAL, 2002

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 18ª ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PLÁCIDO, Maria Elze dos Santos, et.al; **Educação, Cidadania e Identidade: A Inserção Dos Recursos Tecnológicos No Contexto Educacional IN** desafios e perspectivas do professor no mundo da leitura; Conferência Internacional: Educação, Globalização e

Cidadania: Novas Perspectivas da Sociologia da Educação; João Pessoa: 2008 – Disponível em: www.socieduca-inter.org/cd/gt9/46.pdf

RAMAL, Andréa Cecília. Educação **Na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

TARACHUK, Cesar Jacinto. **O uso das tecnologias de informação e comunicação (TICs) como facilitadores no processo de ensino e aprendizagem na educação básica**. Centroo interdisciplinar de novas tecnologias em educação. Trabalho de conclusão de curso (especialização em mídias na educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul, p.53, 2015.